

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

Episódio 9: “O uso de podcasts na sala de aula”

Publicado: 11/10/2020

Transcrição por Raissa Carvalho (DAN/UnB)

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura do *Mundaréu*: “Quem canta” de Danú e Tatá, samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Uma voz feminina canta. A música fica, como pano de fundo, ao longo da apresentação inicial do episódio

Soraya: Olá! Eu sou a Soraya, uma das coordenadoras do Mundaréu, que é este podcast de Antropologia que temos feito em parceria entre a Universidade de Brasília (UNB) e a UNICAMP em São Paulo.

Ana: Eu sou a Ana, aluna de Ciências Sociais da UNB.

Hugo: Eu sou o Hugo, aluno da Universidade Federal Fluminense e atualmente aluno de Mobilidade Acadêmica na Universidade de Brasília.

Soraya: O Mundaréu, como vocês devem ter percebido, esteve de férias por esses meses de 2020. Enquanto isso, lançamos a série O Mundo na Sala de Aula (MNSDA). Hoje estaremos apresentando o último episódio dessa nossa série.

Hugo: No Mundo na Sala de Aula, foram 8 episódios e agora terminamos com este, que nos ajudará a pensar o pod como ferramenta de ensino.

Ana: Quer dizer, além de servir como uma oportunidade de aprendizado aos estudantes, já que aprenderam sobre locução, gravação, edição, divulgação de podcasts. O Mundo na Sala de Aula (MNSDA) também foi pensado para experimentar o podcast como recurso didático dentro de disciplinas e das salas de aula. [Aqui, a música acaba.]

Hugo: Neste semestre de 2020, em que a UnB e tantas outras universidades estiveram em modo remoto, propusemos a adoção do podcast para vários professores e professoras de Antropologia situados em diferentes departamentos e cursos ao redor da UnB. Catorze deles toparam experimentar. Fizemos materiais complementares para ajudar na audição e interação com os podcasts.

Soraya: Agora, neste episódio que começamos hoje, vamos trazer as reflexões de estudantes de uma dessas disciplinas em que a gente propôs em utilizar o podcast como recurso didático. Essa disciplina se chama “Antropologia e mercado de trabalho” e é uma disciplina optativa para estudantes de graduação em Ciências Sociais aqui na UNB. Eu estou oferecendo essa disciplina neste semestre e a ideia é que eu possa mostrar aos meus estudantes diferentes cenários profissionais para ampliar os horizontes deles e pensar em alternativas de trabalho uma vez formados. Um dos cenários possíveis que apresentei para a turma é o cenário de trabalho no ramo audiovisual. Eu propus que a turma ouvisse vários podcasts diferentes e depois, como tarefa reflexiva, a turma deveria registrar suas ideias no formato de áudio. Aqui no episódio do Mundo na Sala de Aula, eu estarei acompanhada da Ana e do Hugo, ambos da equipe do Mundaréu. O Hugo, inclusive, é estudante desta turma de Antropologia e Mercado de Trabalho.

Ana: Aqui, selecionamos especialmente os trechos em que a turma explica como é fazer um podcast e quais são as vantagens de usar o material em áudio como recurso didático. Vocês vão ouvir muitos tons de voz, cadências de fala, sotaques e formas de construir ideias. Acreditamos mesmo na riqueza que a polifonia nos apresenta dentro de uma única turma com estudantes.

Soraya: Essa polifonia não será apenas composta pelas vozes dos estudantes que participaram desta turma. Como esse episódio é sobre o uso de podcasts, vamos usar músicas e vinhetas de abertura de outros podcasts de Antropologia e Ciências Sociais. Estas músicas nos ajudarão a separar os conjuntos de ideias que vamos trazer. Geralmente no Mundaréu, utilizamos a música como transição sonora de um bloco de conteúdo para outro.

Hugo: Este episódio é, portanto, o último da série do Mundo na Sala de Aula e funcionará como fechamento desta série. Queremos justamente ouvir, na prática, como estudantes pensam o uso do podcasts para aprender Antropologia. Bora lá?

Música do podcast *Larvas Incendiadas* começa. Ritmo instrumental animado.

BLOCO 1: Como fazer um pod

Ana: Bom, a primeira coisa é entender que, para produzir um episódio de podcast, é preciso reunir um monte de coisas, como uma equipe, parcerias, materiais sonoros. E também realizar um monte de etapas como escrever o roteiro, gravar as vozes, editar o áudio, incluir a música e divulgar os resultados. [Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Daniel: Nós vemos quantas pessoas estão envolvidas em um podcast e como isso vai afetando a vida das pessoas e também a importância que isso toma na vida das pessoas. É uma coisa muito rica e eu acho que cada pessoa, por mais simples que seja o seu papel, é muito importante na realização do todo de um podcast.

Mariana: Outro ponto interessante que eu observei é que os dois podcasts tem um par institucional para sua criação. Eles não surgiram do nada. O “Observa a Antropologia”, por exemplo, é fruto do esforço dos integrantes de programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e do Arandu, laboratório de Antropologia Visual da mesma universidade. Já o Mundaréu, surgiu com a parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo da Universidade de Campinas (LABJOR), e o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN).

Chico: E fala um pouco até da atuação como divulgador científico na produção sonora que exige mais conhecimentos específicos sobre escuta, sotaque, aprender a passar sentimentos unicamente pela fala, elaborar um roteiro que não fique preso nem que permita que quem esteja falando se perca. Tudo isso, de uma forma que fique único, com seleção de músicas, de áudios.

Rafael: Eu vejo uma linguagem muito parecida do podcast com o rádio, com a diferença de que eu sinto que nos podcasts existe uma roteirização maior do que no rádio. O rádio tem uma impressão de que a conversa é um pouco mais espontânea, mas eu acho que essa é uma diferenciação até positiva para o podcast porque torna a discussão um pouco mais acadêmica. Claro que precisamos ter um cuidado também em não ficar uma coisa muito roteirizada porque se não fica robotizado, mas eu acho importante ter um roteiro para que a conversa possa ter um nível um pouco mais profundo de debate.

Maria: Os quatro podcasts que eu ouvi, tiveram suas gravações, ou parte delas, feitas em casa, então nesse podcast foi interessante para pensar o trabalho da galera que agora está gravando em casa, debaixo das cobertas, nas madrugadas por aí. Eu fiquei imaginando todo mundo.

Uriel: Foi muito difícil esperar a madrugada para gravar esses dois minutos e podcast é complicado mesmo.

Augusto: O formato das conversas, seja na mesa redonda ou na entrevista a distância. Fiquei imaginando as dificuldades e as facilidades em cada tipo de abordagem. O Mundaréu é gravado, ou pelo menos, era gravado, em uma mesa redonda no qual há um laço mais intimista com os participantes. Já o podcast “Observa a Antropologia”, a conversa é por meio de entrevistas, essencialmente feitas a distância, pois surgiu em decorrência da Covid19, e em como as pesquisas estão se adaptando. Já o “Antropólís”, sempre possuiu esse formato de entrevistas a distância, para abranger um maior número de profissionais.

Ana Clara: Uma coisa que percebi também é que a forma de fazer podcast varia do para que ele é feito e das ambições dos entrevistadores. Por exemplo, o Mundaréu, é feito com duas antropólogas, um interlocutor, um antropólogo convidado que estudou o tema em destaque. Já o “Antropólís”, que é um podcast mais focado na Antropologia Urbana e audiovisual, é feito com múltiplos entrevistadores e um antropólogo convidado. Os temas de perguntas são mais abertos e, por vezes, dá para notar a admiração do entrevistador com o entrevistado.

Hugo: Em aspecto técnico, eu fiquei pensando muito no uso de diferentes artimanhas, como chamadas de vídeo, gravações separadas, uso de mais ou menos entrevistadores, convite para convidados participarem e fazerem perguntas...

Maria Estela: Para além disso, eu estudo música e trabalhamos muito com o conceito de paisagem sonora e eu achei muito legal e interessante como houve esse recurso do som para construir uma paisagem mental.

Hugo: Há várias formas de divulgação também, alguns pelo spotify outro apenas em páginas do facebook ou em sites.

Música do podcast *Antropólís*. Música bem tranquila.

BLOCO 2: Por que ouvir pods?

Hugo: A lista dos pods que a gente ouviu está no site do Mundo na Sala de Aula, para quem quiser conhecer. A partir destes pods, a turma percebeu características deste tipo de mídia. Notaram como pode ser potente, versátil e acessível. [Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Isabella: E que além de produzir um conteúdo acadêmico, eles estão ali transformando esse conteúdo em áudio para ser transmitido e para ser propagado com um alcance potencial gigantesco, informal, facilitando o acesso a Antropologia que é uma coisa muito importante e muito poderosa que está sendo feita nesses estudos.

Bárbara: Uma coisa que eu refleti muito sobre as mídias de áudio, foi o quanto que elas me trazem para uma apreensão do ouvir, uma audição mais aguçada. Os podcasts podem ser pausados, mas quando a gente escuta esses podcasts longos, por exemplo como o “Larvas Incendiadas” que eu ouvi e é um podcast de uma hora, é preciso que haja um mergulho auditivo. Eu acho isso um esforço muito interessante e que me agrega muito mesmo.

Mariana: E essa é uma boa maneira de disseminar a palavra da Antropologia, e eu digo isso não somente para fora dos mundos acadêmicos, mas também para fora das regiões em que se produz o conteúdo, circulando conhecimento e valorizando o trabalho de universidades consideradas marginalizadas. Aquelas que estão fora do eixo Rio e São Paulo, por exemplo.

Música: Abertura do podcast *Poéticas Sociais*. Música bem suave e tranquila.

Soraya: A turma notou que os podcasts podem ajudar a comunicar muitos tipos de conteúdo da Antropologia. Por exemplo, podem ajudar muito nos processos de ensino e de aprendizagem.

[Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Maria: Para além de divulgar a antropologia para as outras áreas do saber e até mesmo para os nossos familiares, como que nós mesmos podemos nos familiarizar com outras áreas dentro da antropologia. Evidentemente não substituindo leituras, mas tornando de mais rápido e fácil acesso e matando várias curiosidades minhas, por exemplo.

Pedro: Para pensar antropologia e audiovisual, precisamos pensar muito além da escrita que geralmente é o espaço, por dizer, da Antropologia. Mas também, Antropologia pode ser feita de várias formas. Sabemos muito bem que o conhecimento não é apenas escrito, mas existe conhecimento que é passado por vídeo, fala, oralidade, além de muitas outras formas. Eu mesmo, aqui, estou me ralando para explicar e fazer conhecimento por áudio, mas estou aqui, no teste, no experimento e no erro, e são vários erros.

Barbara: Eu percebo também que quando eu escutei o podcast número um do Mundaréu, o potencial que o próprio podcast na Antropologia tem de nos fazer praticar essa escuta da história de vida, de nos fazer praticar essa presença de pesquisadora.

Uriel: Pessoalmente, ouvir podcasts além de outras mídias como lives no instagram e canais no youtube me dão uma grande nostalgia de ouvir rádio me fez ter um maior contato com o trabalho escrito propriamente dito dos pesquisadores, como dossiês, artigos, pesquisas que com certeza teriam sido muito mais difíceis de acessar sem essa divulgação. O fato de que os relatos e os comentários desses trabalhos serem ditos com uma linguagem mais palatável por ser oral e não escrita, também

ajuda bastante a entender realmente os contextos da pesquisa e os processos por trás dela. Eu diria que até humaniza o pesquisador que deixa de ser só uma entidade, um nome, um título de doutorado no final de um texto e se torna algo real, humano, concreto, sensível. E supostamente é o que são as redes sociais, uma ciência conectada com o humano.

Luana: Eu vi o resgate principalmente pela oralidade surgindo de uma forma mais acadêmica, como uma ferramenta transformadora do ensino mesmo. Percebi uma informalidade na hora de passar o conhecimento e que eu acho que abre o que foi discutido para um público maior do que o acadêmico. Pessoas que não são formadas na área podem contar suas experiências sem necessidade de um pesquisador que os represente. Eu acho que isso lembra bastante as produções de documentários, só que eu acredito numa possibilidade muito maior de inserir no dia a dia. Você consegue ouvir um podcast enquanto toma banho, lava a louça ou arruma a casa por exemplo. No mais, eu gostaria de finalizar meu pensamento dizendo que eu gostei muito dos podcasts e que eu acredito que isso é uma ferramenta muito valiosa para ser inserida em sala de aula.

Música do podcast *Poéticas Sociais*. Música bem suave e tranquila.

Ana: Também serve como recurso para falar das pesquisas que foram realizadas, mas sobretudo de aspectos que não aparecem muito, como a subjetividade, as emoções e até os “erros” e aprendizados. [Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Ana Luiza: Fiquei pensando em como fazer esse contato, na importância dele, no episódio dois da série Mundo na Sala de Aula do Mundaréu, que trouxe de forma descontraída, os “erros” que podem acontecer. Érica e José participaram deste episódio, são antropólogos, e relataram sobre as adversidades durante o campo. Ela fala sobre a importância de pensarmos ao modo deles e não ao nosso. Ela fala que o antropólogo pisa no chão alheio conforme as regras daquela comunidade e que isso deve ser feito com toda a humildade.

Daniel: No outro podcast, Mundo na Sala de Aula, episódio dois chamado “Áudiocassetadas, quando o “erro” vem entre aspas”, a gente vê bem essa coisa de um antropólogo, no imponderável do cotidiano, naquilo em que a gente não espera, naquilo em que nos assusta e às vezes, quando a gente se atrapalha, erra e isso é tão natural do ser humano. Errar é humano, não é?

Música: Observatório de Antropologia. Batidas muito animadas.

Hugo: Muita gente na turma percebeu que o podcast é uma das formas de devolver os resultados das pesquisas pras comunidades e interlocutores que participaram destas pesquisas. [Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Luana: E eu acho que esse conhecimento conversa muito na prática com aquilo que é visto, muito diferente do que com o que a gente estuda no papel.

Ana Luiza: No episódio oito, “Mundo, tempo e temporada”, achei muito legal poder reparar na importância do contato para fortalecimento de vínculos e também a importância de darmos retorno para os nossos interlocutores e termos o retorno deles.

Malu: Os retornos são muito importantes para nós, antropólogo. Tanto os retornos sobre a nossa pesquisa, quanto os retornos das nossas pesquisas aos interlocutores.

Música do podcast *Anthropológicas*.

Ana: Para além da sala de aula, para além das pesquisas que realizamos, os podcasts, pelo seu formato de áudio, eles podem chegar muito mais longe. Servem, portanto para divulgar a Antropologia para fora dos espaços da universidade. [Aqui, a música acaba.]

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Lucas: A preocupação em levar o podcast a um nível local, para as pessoas que escutam, em sua maioria, estudantes de antropologia, trazendo de uma forma mais tranquila para a família, a vastidão do campo de trabalho dessa disciplina.

Maria: Aproveite para ouvir o primeiro episódio, “O que é Antropologia”, e a primeira coisa que eu pensei foi “Caracas! Esse eu vou ter que mandar pra minha avó”. Não só eles buscaram responder as famigeradas perguntas da família “como se vira um antropólogo?”, “como se faz trabalho de campo?” mas também eles tentaram explicar o conceito de trabalho de campo e sua importância para o ofício do antropólogo.

Acsa: Foi muito interessante pois os estudantes e as estudantes que comentaram nesse podcast trouxeram uma visão muito pessoal deles sobre a Antropologia e o mais bonito de se ver foi que todos eles têm muita vontade de que o conhecimento antropológico se propague e não seja uma área desconhecida pelas pessoas e a sociedade.

Mariana: Em tempos de ódio e intolerância, o diálogo abre caminhos. Antropologia para mim é isso.

Bárbara: Eu penso também que no mundo em que a gente vive hoje de polarização, de fake news passadas via corrente de whatsapp, os podcasts fazem parte de um esforço no sentido do resgate da oralidade mesmo, porque por ele exigir esse exercício de atenção e foco ele também acaba fazendo com que a gente pratique uma coisa tão importante nas relações humanas que é essa capacidade de ouvir. Eu acho que quando a gente escuta um podcast, a gente, de certa forma, abre a cabeça! E nesse mundo a gente também está tão reduzido a contatos curtos com as pessoas, seja no instagram ou no whatsapp, lendo notícias que são passadas via correntes de whatsapp, que a produção do podcast pode ser uma forma de fazer esse resgate do que há de mais humano em nós que é a nossa comunicação fluida e oral.

Lucas: Muito interessante os podcasts que eu escutei, procurarei ouvir mais vezes.

FECHAMENTO

Música do *Mundaréu*, “Quem canta”.

Soraya: Pois é, que bom que ouvimos tantos podcasts nesta turma e que percebemos quantos diferentes usos podem ter. Este episódio do Mundo na Sala de Aula quis mostrar como uma turma de estudantes de Ciências Sociais, aqui da UnB, recebeu e avaliou o uso deste material de áudio.

Ana: A gente gostaria de agradecer a toda turma que participou deste episódio. São estudantes das Ciências Sociais da UnB, matriculados neste semestre na disciplina “Antropologia e Mercado de trabalho”: Acsa Moreira, Ana Clara Araújo, Ana Luiza Vasconcelos, Augusto Botelho, Barbara Martins, Daniel Silveira, Francisco Souza, Hugo Virgílio, Isabella Rodrigues, Luana Bittencourt, Lucas Barbatto,

Maria Estela Capuano, Maria Luiza Vietes, Maria Marcelina, Mariana Petruceli, Pedro Ribas, Rafael Luz, Uriel Alves e Wendel Batista. Eles autorizaram que trouxéssemos para cá suas vozes.

Hugo: Também queremos agradecer a equipe de Brasília e de Campinas, que tem produzido o Mundareu e o Mundo na Sala de Aula.

Soraya: É bom lembrar que estes experimentos pedagógicos com podcasts fazem parte de um projeto que tivemos aprovado no Edital Programa Aprendizagem para o 3º Milênio (3AM) do Centro de Educação a Distância CEAD/UnB. Somos gratas pelas bolsas, acompanhamento e divulgação que o CEAD tem feito do Mundaréu.

Hugo: Como dissemos no início deste episódio, aproveitamos as vinhetas de outros podcasts para fazer a ambientação musical. É uma forma de homenageá-los e também de convidar todo mundo para conhecê-los. Em ordem, vocês ouviram a vinheta do *Mundaréu*, *Larvas Incendiadas* (da UFMG), *Antropólis* (da UFPEL), *Poéticas Sociais* (da UFU), *Observatório de Antropologia* (da UFPB) e o *Anthropológicas* (da UFPE).

Ana: Para quem quiser conhecer mais deste episódio e dos outros que compuseram o MNSDA, consulte nosso site: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>. É só clicar na aba de “Série”.

Hugo: E, pra terminar, nada melhor do que aproveitarmos as despedidas deixadas pela turma:

[Cortes dos áudios dos estudantes começam:]

Ana Luiza: Bom, essa é a minha contribuição, obrigada. Abraço a todos e tchau!

Maria: Agora eu já vou indo, que eu to ficando um pouco sufocada de ficar aqui debaixo.

[Música vai ficando mais baixa e lenta até que para com o final do episódio]